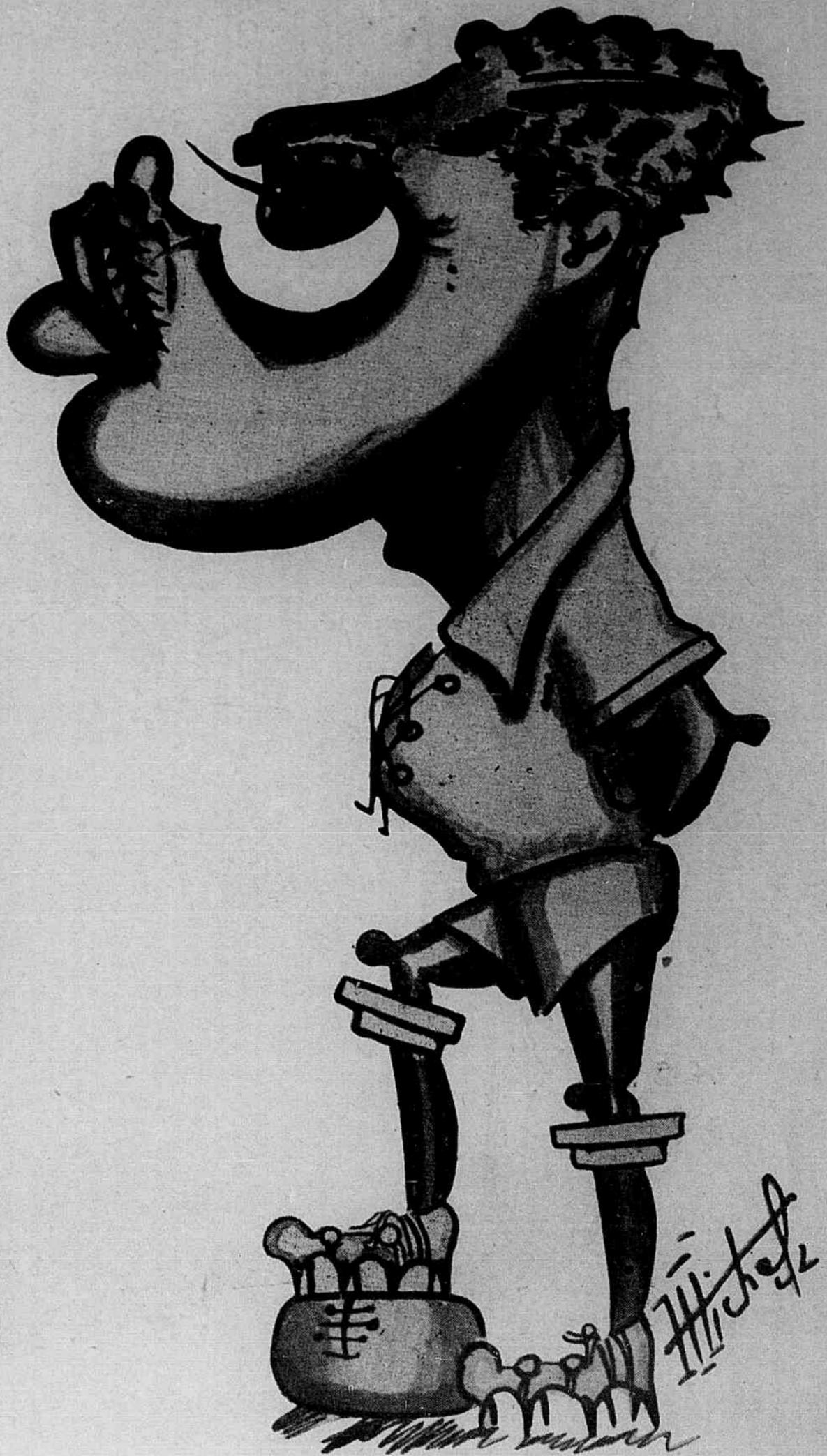




No texto

- O povo tolera, e perdôa, mas não esquece nunca!
- Como 20 uruguaaios conquistaram o futebol brasileiro, em 1916!
- Gradim, o craque estrangeiro que teve o seu nome melhor guardado no futebol brasileiro!



C.R. \$ 1,20



*Cigarros de
Qualidade*

Pontiac

CASTELLÕES

NEM TUDO ESTÁ ERRADO, COMO PODE PARECER...

A política administrativa do futebol profissional continua sendo, no Brasil, por demais complexa.

Nunca as federações, na hora do campeonato brasileiro de futebol, se entendem com os clubes seus filiados, nem aquelas com a Confederação Brasileira de Desportos.

E' como se existisse, nessa época, um mal-estar permanente, a verem uns, nas atitudes dos outros, prevenções e ségundos sentidos. No fim das contas todos choram prejuizos, todos teem máguas para contar. Parece que as federações, existindo por fôrça dos clubes a ela filiados, querem "comê-los" e que a Confederação, existindo por fôrça das federações, vive a explorá-las, de tôdas as maneiras.

Ainda há dias palestrávamos — eu, o Moreira Leite e o Jurandir Matos, ambos do C. R. Flamengo — sôbre esse difícil assunto. Dizia o Moreira Leite que era necessário, nas requisições de jogadores, que se encontrasse um modo de não ferir tão asperamente interêsses vitais dos clubes, como é o interêsses financeiro. E explicava o caso do América F. C. que, com apenas dois elementos convocados, pudera fazer uma excursão pelo Norte, produzindo uma importância de vulto como renda líquida, capaz de satisfazer os compromissos do clube para com seus jogadores, durante um período de inatividade local, motivada primeiro pelo campeonato nacional e, depois, pelos preparativos para o quadro brasileiro. Enquanto isso, o C. R. Flamengo, com Jurandir, Nilton, Biguá, Jaime, Zizinho e Vevé convocados, não podia tomar providência idêntica — e que é o recurso normal — pois ninguém aceitaria um Flamengo rendilhado de reservas! E o Flamengo teria que enfrentar, sem renda de porta, compromissos de vulto, estabelecidos numa fôlha de vencimentos e de luvas.

E eu deixei a palestra nesta altura, realmente convencido de que a coisa não é muito equitativa entre os clubes.

Mais tarde, porém, voltei a pensar sôbre o assunto e concluí que, afinal, não é tudo tão mau como parece. O Flamengo, por exemplo, não pode fazer excursões, mas será o quadro fadado às maiores rendas dos próximos torneios, pois terá a participação de elementos de categoria mais elevada, já que é inegável resultar em promoção de categoria a participação de um jogador num selecionado metropolitano ou nacional. Além disso, os clubes devem prever, no seu orçamento este

período estéril de rendas, distribuindo as obrigações pelos meses em que a renda existe, ou seja, considerar para uma desdesa de 12 meses a receita de apenas 9. Mas isso é um absurdo! Não, não é. Tanto não que há casas comerciais que se mantêm com o mesmo número de empregados, com os mesmos vencimentos, no mesmo local, com o mesmo aluguel, durante os 12 meses do ano, embora em dois ou três dêles o movimento sofra uma queda considerável. E' para êsses problemas que existem os técnicos em economia. E a entidade, usufruindo as rendas do campeonato nacional, que proporciona quotas avultadas de renda, não deve causar olhos de inveja nos clubes seus filiados. A entidade vem a ser êsses filiados. A entidade tem despesas com as atividades dêsses clubes. Se a entidade, por fôrça de desequilíbrio econômico, chegar à falência, o passivo deverá ser assumido pelos clubes. E deve ser, por conseguinte, motivo de satisfação para os clubes que essa ameaça jamais paire sôbre as suas permanentemente desarranjadas finanças. Se acontecer a sucessão de superavit, o fundo estará, sempre, à disposição dêsses clubes. O melhor documento dessa verdade é a distribuição de 500 contos feita pelo presidente Vargas Neto pelos 10 clubes da categoria principal.

As relações das federações com a C. B. D. devem trilhar, especialmente, o caminho do cooperativismo.

A C. B. D. tem encargos formidáveis para cujo cumprimento não poderá recorrer às filiadas, quando precisar de dinheiro para isso. As vêzes os cofres públicos se manifestam, mas isso não acontece ininterruptamente. Por isso, a C. B. D. precisa dispor de um organismo de arrecadação que lhe faculte um fundo financeiro sólido. Esse organismo repousa no cooperativismo de que o futebol profissional participa com a quota maior, por ser maior, também, sôbre todos os demais desportos, o seu poder neste pormenor.

E quando os clubes vêem seus corredores ou saltadores, seus nadadores ou esgrimistas, cobertos de glórias nos campeonatos nacionais ou sul-americanos, não se lembram de que essas glórias foram possíveis pelas contribuições que os mesmos deram, financeiramente, à C. B. D., através das entidades do futebol profissional de que são as colunas-mestras...

Pode-se pensar em reformas, em processos mais equitativos de requisição de jogadores, em progresso, enfim, mas o que se faz, no momento, está muito longe de ser errado...

O povo tolera e perdôa, mas não esquece nunca!

De B. FILHO

O público muda de opinião com relativa facilidade. Hoje pensa uma coisa e amanhã outra. Isso é psicologia das massas. Mas o povo tem outros característicos. O povo, por exemplo, não esquece. Tolerando, perdôa, mas não esquece. Principalmente as coisas más e, ainda mais quando o ferem assim.

Tudo isso vem a propósito da formação do selecionado nacional que a Confederação Brasileira de Desportos levará ao Chile para disputar o campeonato sul-americano extra.

Inumeros fatores contribuíram para que esse trabalho seletivo deixasse de apresentar eficiência integral. A C. B. D. resolveu ir ao encontro da iniciativa da entidade chilena mais por uma questão de solidariedade. Lá no longínquo país andino comemorar-se-á o cinquentenário do futebol e com ele o próprio governo do Chile promoverá festejos. Se a presença do Brasil era julgada importantíssima para o brilhantismo da festa, por que faltar nesta contingência, mesmo à custa de sacrifícios? Foi o que se fez. Previra-se muita coisa e as providências foram tomadas. Lutariam os brasileiros com a falta de tempo para aclimação no local, frio e elevado. Tentar-se-ia contrabalançar esta

desvantagem proporcionando repouso máximo aos jogadores e viagem rápida, capaz de não os estafar. A estréia dos brasileiros dar-se-ia tão tarde quanto possível. Veio, porém, uma final de campeonato nacional, envolvendo os melhores jogadores, a exigir esforços sem conta, não só pela combatividade, pelo apuro técnico necessário, como também pela expressão quantitativa dos jogos. Em consequência, encurtou-se o tempo disponível ao selecionador, Flavio Costa, para a execução de sua tarefa. Não foi dado aos jogadores repouso, sinonimo de liberdade, para suas festas habituais de fim de ano. E como se não bastasse tudo isso, certos elementos, manifestamente mal intencionados, começaram a estremecer o trabalho comum, retardando a sua presença na concentração de Caxambú, embora ha muito convocados e disso avisados com enorme antecedencia.

Flavio Costa, conscio da responsabilidade depositada sobre seus ombros, resolveu, com acerto, eliminar da sua esfera de influencia esses elementos, pedindo á C. B. D. a sua exclusão da relação de convocados. Dois deles chegaram até Caxambú, tardiamente, não encontraram reconsideração de Flavio Costa. E a providencia foi recebida





LEONIDAS É UM NOME NO FUTEBOL. CONSAGROU-SE EM 1938, NO CAMPEONATO DO MUNDO. E AQUI O VEMOS, À ESQUERDA, NUM LANCE COM O SEU FORMIDAVEL DINAMISMO QUE TANTO IMPRESSIONOU OS EUROPEUS. NA ULTIMA "COPA ROCCA", TÃO MÁ PARA OS BRASILEIROS, LEONIDAS FOI UM ELEMENTO SALIENTE. VEMO-LO, AO LADO, COM SASTRE, DO QUADRO ARGENTINO E HOJE SEU COMPANHEIRO DE EQUIPE NO S. PAULO F. C. LADEANDO O CLÁSSICO TROFÉU E, EM CIMA, NUMA DAS SUAS AÇÕES CARACTERÍSTICAS DE INEQUIVOCO PERIGO PARA OS CONTRÁRIOS.

por todos, com um silencio que mais do que nunca revelou uma aprovação tacita. Foram sóbrios os comentários. Porque, embora a disciplina devesse ficar sobre todas as coisas, embora não se pudesse deixar de distinguir os responsáveis, dos irresponsáveis por deveres elevados, bons elementos ficaram aliçados. E, entre esses, nada menos do que Leonidas. Bem, falando de Leonidas, nada mais é preciso dizer..

ESPORTE ILUSTRADO que recebe um consideravel volume de correspondencia de todas os pontos do Brasil, sentiu a reação do povo a esse desinteresse, quasi desprezo dos jogadores convocados, por uma missão que, antes de mais nada, deveria representar mais uma honra, por mais honrarias que já pudessem possuir. E dentre as cartas recebidas, extraimos uma que nos levou áquelas considerações de início feitas. E' uma carta aberta a Leonidas que, embora com destinatario certo, poderá servir a todo áquele que revelou ou revelar falta dos mais triviais principios de desportismo profissional, de ética, de probidade. E' uma carta que nos diz, cristalinamente, que o povo tolera ou perdôa, mas não esquece...

"Quem aquí lhe escreve é um fan do futebol. Um fan que sempre viu no futebol alguma coisa de util ao desenvolvimento de nossa terra, como expressão de recreação ou de educação. Sou um individuo do povo, desse povo que eleva e rebaixa, que consagra ou desmoraliza apenas jogadores de futebol profissional, Leonidas, mas homens de todas as camadas, de todas as estirpes, sábios ou leigos, reis ou ditadores.

Você, Leonidas, num momento em que se precisou do seu cerebro e das suas pernas, em 1932, para a defesa de algo imaterial, em campos de futebol do sul, você deu, mais que aquilo, o seu coração. Nós guardamos a recordação daquela jornada gloriosa com imenso carinho. E você com especialidade. A sua elevação ao estrelato foi tanto o efeito das suas virtudes de atleta como o reconhecimento dos seus patricios. Os dias se passaram e você foi escrevendo a sua vida, na história do futebol indigena, em páginas douradas. Vibramos ao máximo, em 1938, ao ouvirmos, de Gagliano Netto, irradiando para nós os jogos do Cam-

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones — Direção: 22-2622; Redação: 22-4447; Administração: 22-2550. Endereço telegráfico "Revista". Número avulso, Cr\$ 1,00. Número atrasado, Cr\$ 1,20. Assinaturas — Porte simples para o Brasil e as três Américas: Ano, Cr\$ 42,00. Semestre, Cr\$ 22,00. Sob registro: Ano, Cr\$ 63,00. Semestre, Cr\$ 33,00. Estrangeiro: Ano, Cr\$ 133,00. Semestre, Cr\$ 67,00. Sucursal em São Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone, 4-7866. Agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE, S. Knopp & Cia., Times Building, New York City; AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA, D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques; URUGUAI, Moratori & Cia. Constituyente, 1746, Montevideu; Sucursal na ARGENTINA, "Inter-Prensa", Florida, 229, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser enviada ao diretor.







PEITORAL CREOSOTADO

EU ANDAVA COMO UM TÍSICO,
PELA TOSSE ACORRENTADO:
MAS HOJE DEVO ESTE FÍSICO
AO PEITORAL CREOSOTADO.

o seu nome com um manto escuro. Por egoísmo, você devia pensar em Flavio e não o deixar a braços com problemas angustiosos. Flavio não merecia isso, Leonidas. E Flavio não podia ter outra atitude com você e com os que também procederam assim. Doutra maneira, teria mostrado distinções, teria suscitado melindres. Flavio nunca faria isso, você sabe perfeitamente, à custa de anos de contáto! Por isso os rubro-negros não se esquecerão de você.

Foi tudo errado, Leonidas!

Em lugar de resolver problemas, você os criou. Mas você deixou de ser insubstituível; tornou-se igual a muitos, tomou um lugar comum.

E o mal maior é que você feriu o futebol nacional. A' desculpa do seu atrazo responder-se-á de muitas maneiras. Até na guerra, Leonidas, onde tudo é desespero, o atrazo é atrazo.

Não sei se você será perdoado pelo que puder acontecer.

Os rubro-negros, os são-paulinos, os cariocas, os paulistas não se esquecerão de você. Mas o pior, Leonidas, é que de você jamais se esquecerão os seus patricios!"

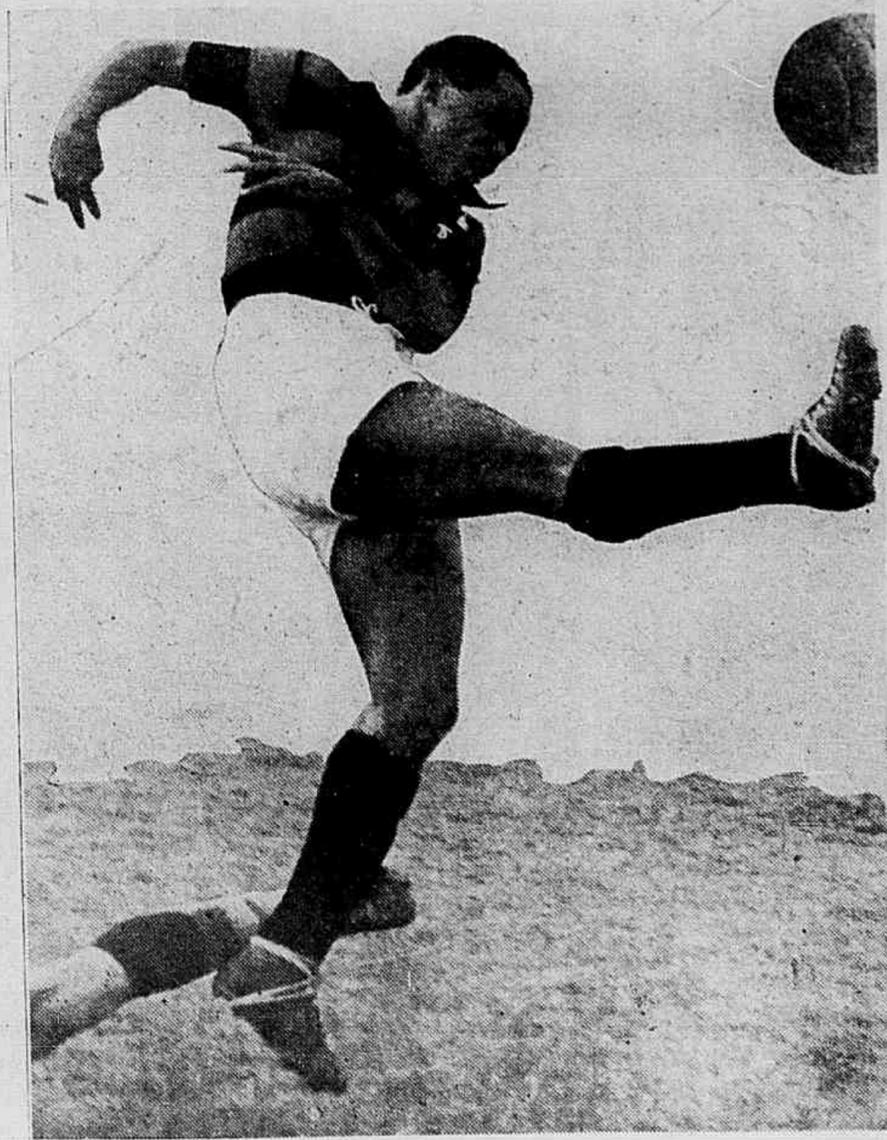
AO LADO, LEONIDAS E NORONHA, DOIS DOS FALTOSOS E DISPENSADOS DA CONVOCAÇÃO. EM BAIXO, UM LANCE ESPETACULAR DO "DIAMANTE NEGRO".

peonato do Mundo, as notícias dos seus feitos altissonantes. Soubemo! dos seus sacrifícios, do seu denodo, da sua desmedida coragem, da sua fibra inquebrantável. Orgulhamo-nos de você quando Thomas Mazzoni¹ jornalista de S. Paulo, revelou-nos a impressão que você causara aos catedráticos afeitos aos grandes entre os grandes jogos de futebol do mundo. Você ergueu, bem alto, com seus companheiros não menos devotados, o conceito do nosso futebol.

Daí para cá, temos tido muitos motivos para falar de você, para reputá-lo um astro de grandeza especial, para colocá-lo — não creia que é exagero — entre ídolos.

Mas... é triste pensar que você tenha sido um ídolo de barro que se esborou. fragorosamente, depois de tantos anos de fastigio.

Você, com tanta experiência e conhecimento do seu valor, sabe sobejamente, o que representa sua presença num quadro nacional. Você sabe, está mais do que convicto, que o seu lugar é um direito. Por isso você se deixou ficar por Buenos Aires, enquanto outros companheiros seus, com sacrifícios que você não quis fazer, atendiam ao chamado superior, apresentando-se á concentração em Caxambú. Você perdeu esse direito agindo assim. Você fez pior. Não se prejudicou apenas a si mesmo. Prejudicou o trabalho do treinamento. Deu um exemplo de péssima moral. Menosprezou interesses desse futebol nacional que você tanto honrou e de quem ele tanto se orgulho. 1932 e 1938, Leonidas, esboroaram-se com o ídolo que nós criáramos... O futebol paulista, Leonidas, não ficou satisfeito com isso. A sua presença no selecionado e a sua conduta por certo destacada seria motivo de grandes espetáculos quando, ao seu regresso, você aparecesse com a camiseta do S. Paulo F. C. Seria um motivo de satisfação para o são-paulino ter um representante, ou mais um, no quadro brasileiro! Você furtou-lhes essa oportunidade. E Flavio Costa, Flavio Costa, Leonidas, que estará pensando, neste momento, dos seus áctos. Você devia antes de mais nada, uma gratidão enorme a esse técnico que devolveu-nos você com aureola de atração, num momento em que o crepusculo ameaçou cobrir



Os segredos do Ano Novo

Estão revelados através das informações que o **ALMANAQUE EU SEI TUDO** oferece: festas religiosas fixas, principais festas moveis, outras festas de igreja fixas e moveis, concordancia das principais eras, eclipses, as estações, periodos nacionais, signos do zodiaco, fases da Lua, tabela do nascimento e ocaso do Sol, tempo astronômico, calendário permanente, de 1801 a 1980, festas movéis até 1958, curiosidades do calendário, folhinha completa do ano

RETROSPECTO: O ano artístico, literário, científico, musical; os mortos do ano, diário da guerra, centenários de 44, etc. Em resumo: uma verdadeira revista do ano profusamente ilustrada.

RELIGIÃO: História completa do Papado, Concílio de Nicéia, A Guarda Suíça do Papa. Marcha Papal. Lista cronológica dos Papas. Os anti-papas. Nacionalidades dos Papas. Ruínas da Igreja de S. Nicolau. Igreja dos Reis Magos. Como eram os Reis Magos. Cenas da Vida de Cristo, etc.

NOSSA TERRA: O chá do Brasil. A pesca da Guanabara. A cana de açúcar. O Guaraná. Limites e divisões administrativas dos territórios. O coqueiro e o cajueiro. Outras informações interessantes sobre a terra e as coisas do Brasil.

PAISES E POVOS: A dança das baiadeiras. A ilha dos ídolos. A mais nova República do mundo. A Cidade Santa dos Incas e várias outras informações geográficas de interesse geral.

11 CONTOS: A dívida de jôgo. O presente de nupcias. O Poço do Dragão. Os dois teimosos. Uma viuva. Os bons apóstolos da paz. A última carta. Noite de aniversário. A consciência do médico. Os papagaios e a dama. O refúgio.

CIÊNCIA: Animais reais e animais fabulosos. A evolução do ictiosauro. A importância da água. Como conhecer o caráter dos recém-nascidos. Pequenos males e pequenos remédios. Os milagres da Cirurgia. As diversas funções do organismo. Como alimentar as crianças de 2 a 4 anos. A industrialização pelo Sol. As revelações da Criptografia. Que é o homem e qual sua finalidade? Pode-se ler o pensamento. As ondas hertzianas.

TEMPO E ESPAÇO: A Aurora. O Zodíaco. Constantes astronômicas. O Zero absoluto. As ondas hertzianas. A longevidade. Um mundo que se derrete.

QUEBRA CABEÇAS: Charadas, enigmas, palavras cruzadas. Decifrações, etc. A mais completa e antiga secção charadística do Brasil todo.

CURIOSIDADES: A roda e as rosas. O mercado matrimonial dos caldeus. O maior livro do mundo. Um gorila domesticado. Vasos, frascos e garrafas. História de um banco. O título de doutor. De onde veio a cerejeira? Origem do ferro de engomar.

DISTRAÇÕES: Helicóptero em miniatura. A pilha de objetos. A moeda no dedo. A moeda impassível. A sorte das côres. Pague a prenda. As Séries. Os corcundas 333. A bola e a garrafa. Os quatorze e muitas outras sortes de paciência e física recreativa.

HISTÓRIA: A moda há 40 anos. Carruagens de todos os tempos. A história das tôres. Expedições polares. O istmo de Panamá em 1744. O tesouro artístico espanhol. Vestígio duma raça preistórica. Os veículos a motor na Inglaterra, etc.

CINEMA: O avêso do cinema. A melhor intérprete feminina de 1943. O melhor intérprete masculino de 1943. Fotografias coloridas em tamanho de página dão enorme realce a essa secção do "Almanaque".

ESPORTES: A Copa do Mundo. O Brasil na Copa do Mundo de 1938. Campeonatos Olímpicos de Futebol. Campeonatos Sul-Americanos de Futebol. Campeonatos Brasileiros de Futebol. Campeonatos Olímpicos (1896-1936). Campeonatos Brasileiros — 1944. Recordes femininos mundiais de atletismo. Recordes femininos mundiais de atletismo (não homologados), etc.

ARTIGOS: Mascotes. Nem tudo é amor na vida. As mais belas fontes do mundo. Os veículos a motor na Inglaterra. Alumínio — o metal de hoje. Escola de Belas Artes de macacos. Os grandes músicos e suas excentricidades. Estranhos testamentos de potentados e mendigos. Relógios de Sol. Músicos ambulantes e cantores ao ar livre. A música dos animais. O poder mágico das palavras cabalísticas. Precursoras do feminismo, etc.

CENTENÁRIOS: John Dalton. Cel. Cunha Barbosa. O telégrafo de Morse. Antônio Lemos. Padre Cícero. Torquato Tasso. Almirante Maurity. General Rocha Calado. Anatole France. Tomás Antônio Gonzaga. Frederico Nietzsche. Associação Cristã de Moços, e outros.

Não perca a oportunidade de comprar o livro dos mil assuntos, verdadeira enciclopédia popular que é o **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 45, á venda em toda parte por Cr. 10,00. Pedidos á Companhia Editora Americana, mediante vale postal ou pelo reembolso.

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 -- RIO



A morte de Izabelino Gradim veio chocar os esportistas brasileiros, quando já estão se concentrando em seus sentimentos de "fans" em torno do próximo campeonato sul-americano do Chile, justamente no mesmo certame continental em que se popularizou o nome de Gradim, e isso em 1919. Foi o saudoso "crack" uruguaio um dos futebolistas estrangeiros de maior prestígio e popularidade no Brasil. Prestígio e popularidade estes que não se apagaram de todo através de 25 anos. De fato, de 1919 até hoje o nome de Gradim ficou bem familiarizado no "association" brasileiro como o de nenhum outro "crack" estrangeiro. Para isso basta se ver o grande número de apelidos de "Gradim" que tomaram novos futebolistas, um dos quais foi um dos maiores "azes" produzidos pelo futebol carioca, sempre lembrado centro avante do Bonsucesso. Um outro Gradim é o ex-centro médio

GRADIM, o craque estrangeiro que teve o seu nome melhor guardado no futebol brasileiro!

De OLIMPICUS

da seleção Gaucha atualmente no Santos F. C.

Outros Gradim tivemos e temos no futebol do país, tudo porque quando o celebre "crack" oriental aqui esteve, em 1919, fez um furor inigualável. Sua figura dominou ao lado de Romano, Varela, Zibechi e Scarrone. "Cracks" absolutos, mas Gradim apareceu como o mais típico. Por que? Parece incrível, porque antes de mais nada, Gradim era "colored"!

Sim, naquele tempo ainda não tínhamos de maneira alguma super-cracks pretos.

Não existia um só quer na seleção paulista, quer na brasileira e até no selecionado carioca um único "az" preto de grande fama. Um Epaminondas, por exemplo, já havia sido incluído na seleção carioca, mas jamais poderia se comparar a um ídolo branco daquela época. Marcos, Bianco Heitor, Nery, Amilear...

Gradim — pois — ainda que

pareça paradoxal, foi o primeiro grande crack preto que vimos atuar nos campos brasileiros!

Aquela era a época que em S. Paulo e no Rio nem sequer queriam incluir — por inexplicável preconceito — em suas turmas elementos "coloreds".

Justifica-se, pois, a grande fama e o prestígio que o meia esquerda uruguaio obteve, no Brasil. Por isso, desde então muitos cracks pretos que surgiram entre nós receberam o apelido de Gradim.

Como jogava Izabelino!

Os cronistas da época ficaram assombrados com a sua vivacidade com a sua espantosa velocidade e sobretudo pelo seu tiro fulminante. A cada jogo adquiriu maior fama. E como ele deu trabalho á defesa brasileira naquele celebre jogo final de 1 a 0, isso depois de ter sido dos mais teríveis avantes contra o nosso arco, no prélio anterior, dos 2 a 2.

Gradim disputou o 1.º campeonato sul-americano em 1916 e fez parte de todas as seleções do seu país até 1920 e, depois, acabou até sendo campeão e recordista sul-americano de atletismo em corridas rasas, devido á sua extraordinária velocidade.

Foi Gradim uma figura singular não só no esporte do seu país

Publicidade para esta Revista em São Paulo

Tratar á rua D. José de Barros, 323 - Tel. 4.7866

como no da América do Sul! Foi com emoção e tristeza que recebemos a notícia do seu falecimento.

Há tempos um cronista Argentino, assim lembrou Gradim.

"Isabelino Gradim fué el negro más famoso del Uruguay. Cam-

peón de los 200 y 400 metros llanos, esa velocidad innata la explotó en el fútbol para llegar a ser un jugador dinámico, esquivadore, eletrizante, un tipo saeta que hacía temblar e estadio. En ese aspecto nadie lo aventajó"

Há 25 anos os feitos e os ido-

NA PÁGINA ANTERIOR VEMOS O FAMOSO IZABELINO GRADIM, CAMPEÃO DOS 200 E 400 METROS RASOS E MEIA ELETRIZANTE, EM COMPANHIA DE SUA ESPOSA E FILHOS. É ESSE PRETO MODESTO, CAVALHEIRO E BOM RAPAZ QUE VEMOS ABAIXO, ASSINALADO COM UM "X", INTEGRANDO O QUADRO DE SUA TERRA, NUMA VELHA GRAVURA.

los do futebol eram cantados em versos. Vejamos estes que o poeta Uruguaio Parra del Riego dedicou a Gradim.

"¡Gradín, bala azul y verde!
Gradin, globo que se va!
Billarista de esa súbita
y brillante carambola
que se rompe en las cabezas
y se enfila más allá...

Y, discóbolo volante,
pasas uno... dos... tres...
cuatro... siete jugadores...
La pelota hierve un ruido
seco y sordo de metralla...
Ya está frente a la valla
con el pecho, el alma, el pie...

y es el tiro en la tarde azul estalla
como um cáldido estampido
que se lleva la pelota hasta la red

Y es entonces cuando suena
la tribuna como el mar.
Todos gritanle: ¡Gradín!... ¡Gra-
dín!... ¡Gradín!...

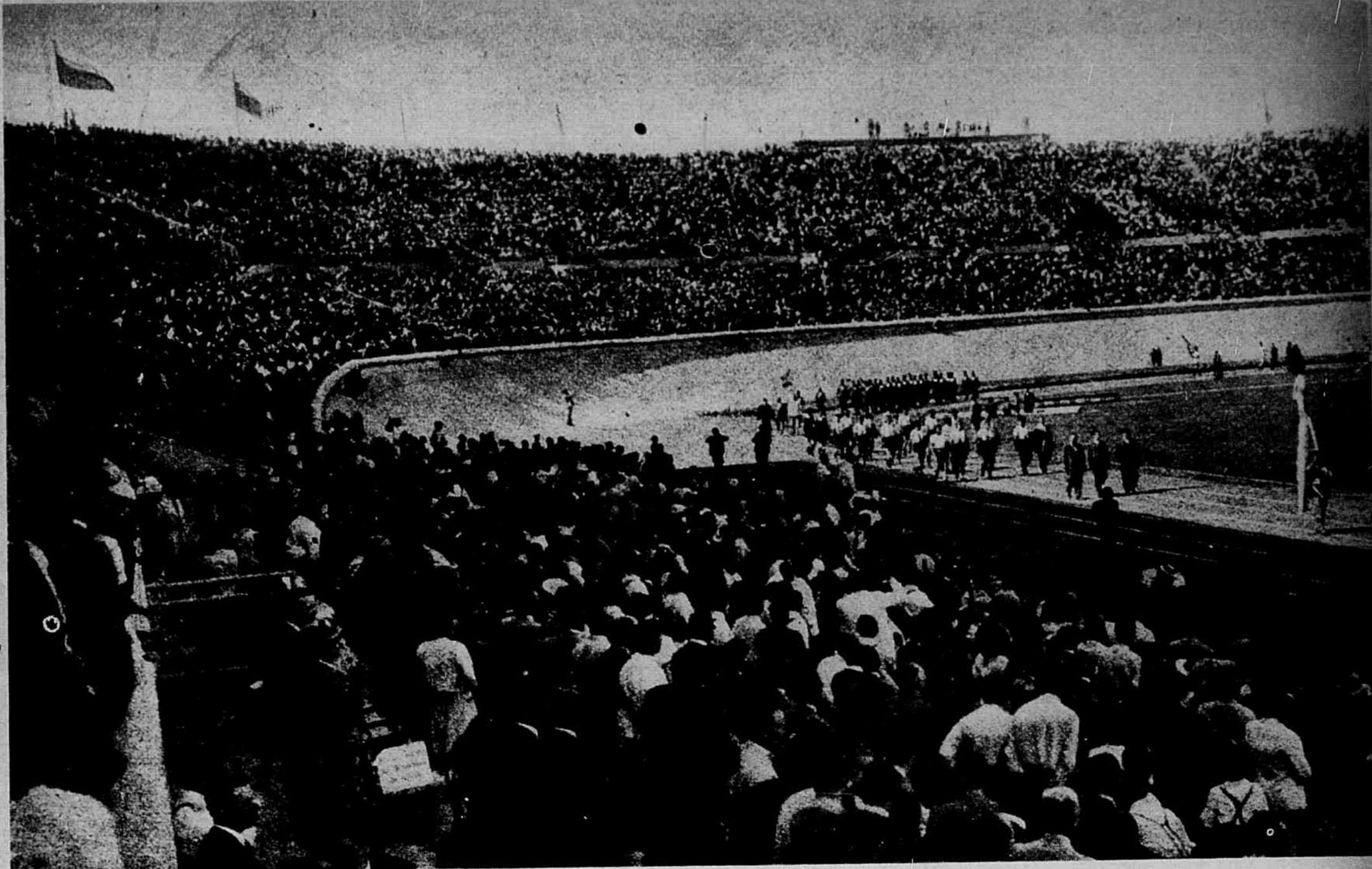
Y en el ronco oleaje negro
que se quiere desbordar,
saltan pechos, cuelan brazos, y
hasta el fin.

Todos se hacen cocheteros
de una salva luminosa de sombreros
que se van hasta la luna a gri-
tarle allá...
¡Gradín!...! Gradín!...! Gradín!...





Nas gravuras que ilustram esta matéria vemos, á esquerda, o provavel quinteto platino, formado por Munoz, De la Mata, Pontoni, Martino e Loustau, e no topo da outra página, um formoso aspecto do Estádio Nacional do Chile, onde competirão, no campeonato sul-americano extra, as melhores equipes nacionais do continente.



Fioravante, um dos maiores críticos atuais do futebol argentino, assim escreveu no "Mundo Desportivo" acerca da situação do futebol do seu país em face do próximo campeonato sul americano:

"Guilherme Stabile, o competente e experimentado "coach" dos selecionados da Associação, está tratando nestes momentos de constituir o conjunto ideal, com o propósito de levá-lo a Santiago do Chile e demonstrar no país irmão, frente aos mais poderosos quadros desta parte do Continente, que o futebol argentino mantém a mesma potencialidade e jerarquia que sempre se lhe tem reconhecido e admirado. Mas, naturalmente, a tarefa não se lhe apresenta fácil; nem toda a crítica é favorável aos planos que ele desenvolve em tudo de acordo com a Comissão de Seleção. Há quem desejaria que o quadro já estivesse designado, preparado e apto para sair a campo; e os há também que põem mil embaraços nos trabalhos buscando outros tantos defeitos a jogadores e ao sistema que o diretor técnico aplica para conseguir a harmonia do conjunto.

Essas coisas são naturais, e em nada devem estranhar. E asseguro, ademais, que quem critica o faz com a melhor intenção e com a melhor boa vontade do mundo. Nada pode constituir outro objetivo que o ideal de que o combinado da Associação seja a mais fiel representação do popular esporte.

NOSSA "DESGRAÇA"

O que da questão, segundo meu modesto e leal saber e entender, consiste numa só coisa: temos excesso de bons jogadores. O problema de selecionar, dizem por exemplo no Chile, Uruguai, Perú e ainda no Brasil, é muito mais fácil de resolver, porque os candidatos para cada posto são poucos ou menos do que os que por aqui temos. O treinador já sabe com antecedência com quais jogadores pode contar e sabe também que a experiência anterior é seu melhor recurso. Porta e Zapirain seguirão formando quem sabe até quando a ala esquerda do conjunto "olímpico", por mais que Porta atue, às vezes na reserva do Nacional, já veterano. Domingos da Guia, o "crack" de

ébanos que nos maravilhou há uma década vestindo a canisa do Boca Juniors, é realmente zagueiro insubstituível na seleção do Brasil. Também se tomaria como ridículo, ou pouco menos, que os chilenos prescindissem, numa combinação nacional, de um homem como Livingstone, que tem sido durante muitas temporadas figura consular do esporte de além os Andes.

Aquí não ocorre o mesmo. O cartaz dos "azes" tem se renovado muito, e dos "velhos" só ficaram Bello, Salomon e Alberti. Estes formarão o triângulo defensivo devido ao seu enorme prestígio. Mas Vacca, Rodrigues e De Zorsi, ou Ricardo, Marante e Bedia poderiam ser também triângulos firmes, sólidos e de categoria. Em médios zagueiros andam os mais escassos, mas a presença dos centros como Strembel e Espinosa — da nova geração — fala com inteira eloquência de nossa "desgraça" já apontada. Ademais, entre eles poderíamos contar com Lazzatti, ou com Giudice ou com Greco, o homem que ganhou um internacional famoso em Montevideu há anos.

FORMIDÁVEIS QUIN-TETOS

Veja-se, por exemplo, com referência a entre alas, esquerdos ou direitos: De la Mata, Mendez, Barreiro, Negri, Martino, Labruna, Aguirre, Gandula, Balonedo. A qualquer deles se poderia apelar com a certeza de que responderia satisfatoriamente, pois têm capacidade sinão idêntica pelos menos aproximada. mo esses deanteiros Argentina tem René Pontoni, Adolfo Pedernera, Jaime Sarlanga, Juan José Ferraro, Roberto D'Alessandro, que são figuras de relêvo excepcional, das que hoje não existem muitas no panorama internacional. E o mesmo se pôde dizer quanto aos extremos, a citar nomes como os de Munoz, Juan Carlos Heredia, Lascano, Boyé, Salvini, Maril, Loustau, Sued, Pellegrina, Juan Carlos Ferreyra, etc...

Quando se põe tantos e bons jogadores sobre a mesa de discussão, surge, qual um fantasma, a tremenda dúvida. E começa o trabalho que não termina pois cada "crack" tem seus par-

Continua na pag. 18

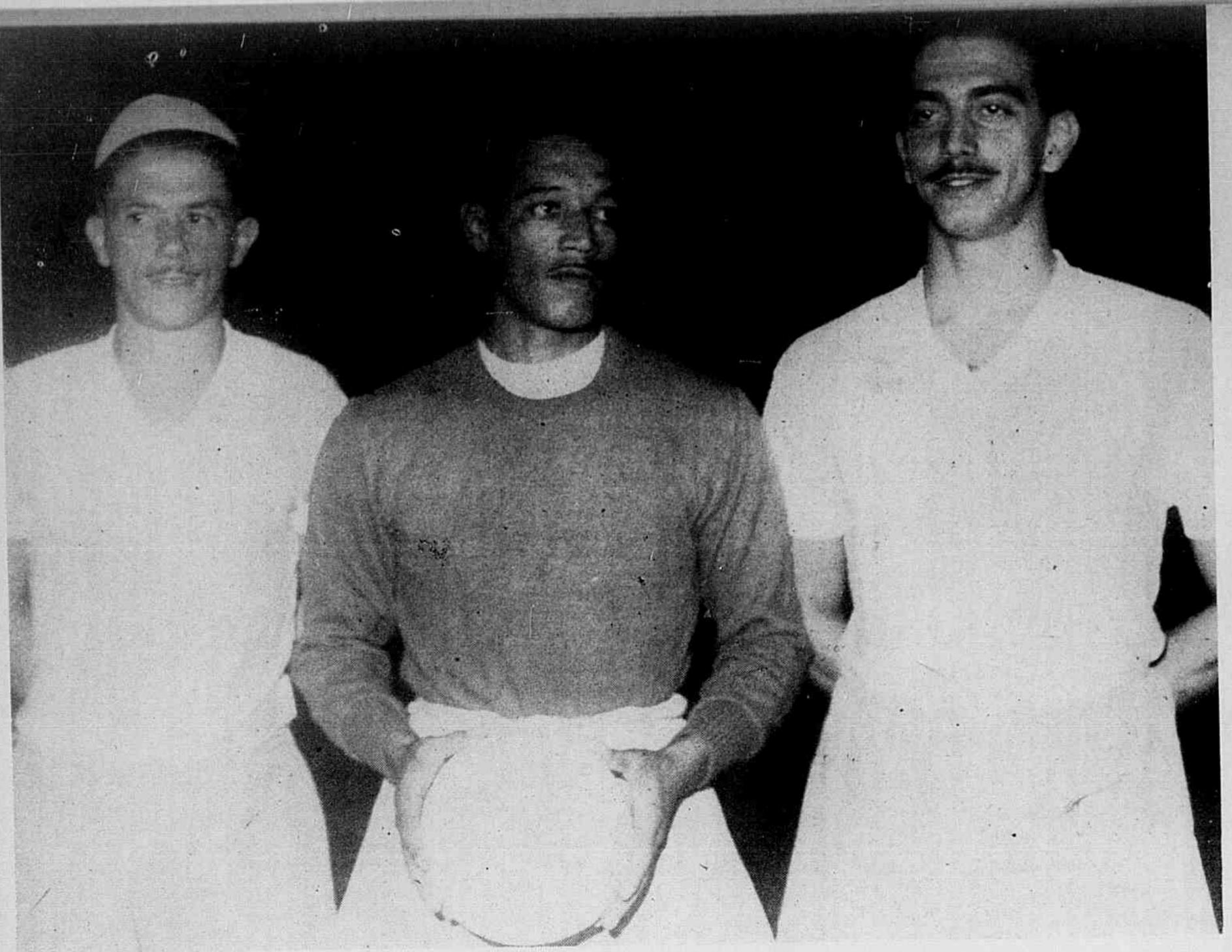
A dificuldade para se formar o selecionado argentino é o excesso de bons jogadores



UMA GOLEADA DO VASCO NO JABAQUARA!

Comentário
na página 14





O CANTO DO RIO F. C. REFORMOU O TRIANGULO — Com a saída de Haroldo, pensou-se que os cantorienses ficariam com problemas sérios no triangulo final que em 1944 tivera conduta das mais regulares. Mas o gremio niteroiense apresentou, na noite de sabado, contra o Madureira A. C., o seu trio reformado, nele aparecendo, na zaga esquerda, Gualter, que pertencia ao C. R. Flamengo. E as coisas não foram de todo más. É de se prever que em 1945 seja Odair, Nanati e Gualter o trio final dos celestes.

Os cruzmaltinos começaram o ano com o pé direito...

O Jabaquara levou uma sova de tentos : 8 x 1

De *Helmicio Fróes*, do Departamento de Esportes da PRE-3

Campo: C. R. Vasco da Gama.
Renda: Cr\$ 5.723,90.
Juiz: Messir de Souza.
Final: Vasco da Gama 8 a 1.

EQUIPES:

VASCO DA GAMA: — Barbeto, Augusto e Rafagnelli; Berascochêa, Dino e Argemiro; Santo Cristo, Moacyr, João Pinto, Elgem e Friassa.
JABAQUARA: — Talladas, Souza e Issame; Gambá, Tulio e Santana; Ferreira, Baltazar, Baía, Leonaldo e Ton Mix.

MARCHA DA CONTAGEM

João Pinto aos 5 minutos, iniciou a contagem pró Vasco, cabendo a Elgem a honra de marcar para 2 o placard. Num esforço de reação, Baltazar aproveitou um a confusão na área vascaína, para mandar a bola às redes guardadas por Barbeto. João Pinto volta a elevar a contagem para os seus, conquistando o 3.º tento, encarregando-se Elgem de conquistar os 4.º e 5.º goals. Com o escore de 5 a 1 finalizou a primeira parte. No 2.º tempo ainda é João Pinto quem inicia a contagem assinalando o 6.º tento. Os 7.º e 8.º goals foram de autoria de Argemiro e Rafagnelli.

IMPRESSÕES GERAIS

Jogando contra o Jabaquara de Santos, e apesar de não ter apresentado sua força máxima, não poderia ser mais cômoda a primeira vitória do esquadrão de profissionais do Vasco da Gama, este ano. Venceu por 8 goals a 1, tentos conquistados quando e como quis. A

equipe que obedece a orientação de Ondino Viera, foi sempre superior à sua adversária: armou mais, entendeu-se melhor e foi mais realizadora. Logo no primeiro minuto de jogo, mostrou sua superioridade que se concretizou aos 5 minutos, com a abertura da contagem. Seus elementos entenderam-se bem e descobriram imediatamente o jogo mais aconselhável para o terreno escorregadio como estava o campo de S. Januario. E num "bola p'ra frente", e, uma ou outra jogada malabarística de Dino, os defensores cruzmaltinos levaram uma goleada à meta defendida por Talladas. No tempo complementar o Vasco da Gama, desinteressou-se do placar embora mantendo domínio. Acabou, entretanto, conquistando mais 3 tentos, dois dos quais foram assinalados por elementos da defesa vascaína. Do Jabaquara pouco se pode dizer, desde que em nenhum momento fez perigar o triunfo do Vasco, a não ser que, teve o mérito de não se entregar completamente e, o mais significativo, receber a grande derrota com o raro espírito esportivo, sem qualquer arranhão à disciplina por parte de seus componentes.

JOGADORES DESTACADOS:

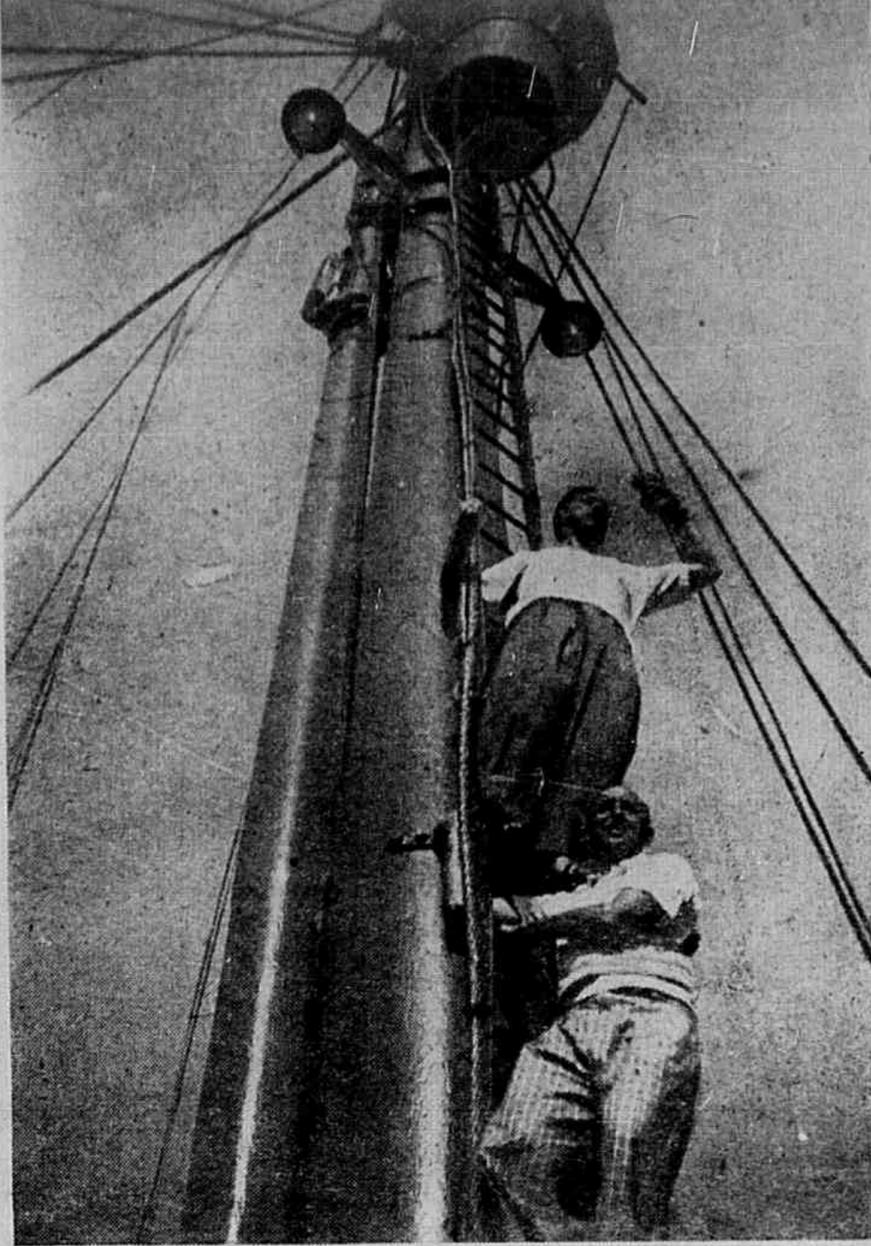
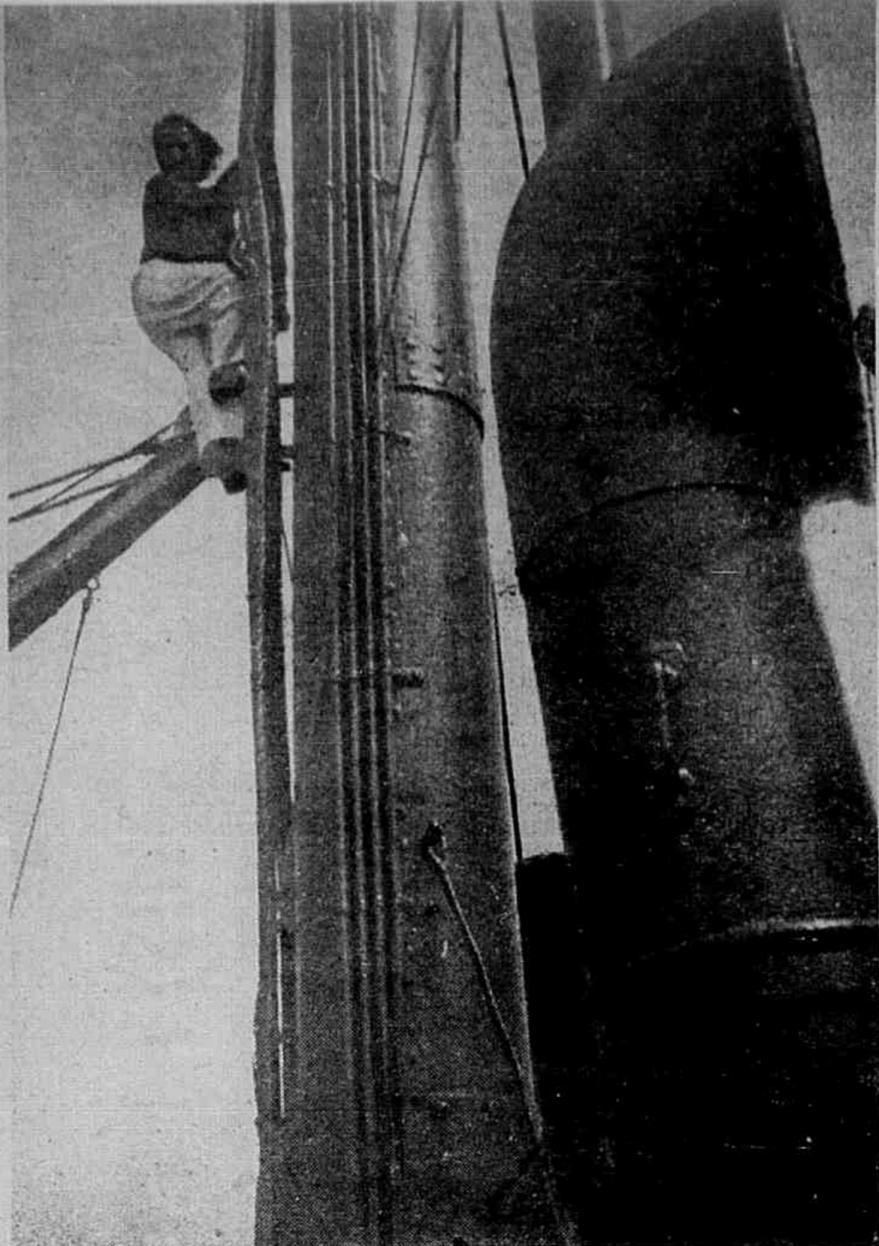
No Vasco da Gama, João Pinto e Elgem foram as maiores figuras da vanguarda, cabendo a Argemiro ser o melhor da defesa. No Jabaquara Leonaldo e Baltazar foram os mais destacados.

ARBITRAGEM

O sr. Messir de Sousa teve sua ação facilitada pela conduta dos jogadores e transcorrer do match. Falhou na marcação de algumas faltas sem importância. Satisfatória sua atuação.



NO PROFISSIONALISMO É ASSIM



Os paulistas, campeões absolutos,

Na cidade de Porto Alegre a famosa capital sulina teve lugar na primeira quinzena de Dezembro ao XVIII Campeonato Brasileiro de Esgrima dêle participando as equipes representativas das entidades gauchas e paulista no setor masculino e feminino. Os cariocas infelizmente não se apresentaram para as provas de equipes tendo no entretanto concorrido individualmente salvando assim pelo menos a esgrima carioca do fiasco de uma ausencia total.

Realizou-se também com êxito o Congresso do certame máximo esgrimístico nacional tendo se verificado igualmente eleições presidenciais que apontou unanimemente Joaquim do Couto Simões dedicado esgrimista carioca para ocupar a curul presidencial Da Conf. Brasil de Esgrima no bienio 1945-47 a ser iniciada em janeiro substituindo Hilton Santos também dedicado esportista hoje muito atarefado em S. Paulo com altas funções da economia federal de guerra.

Os paulistas, melhor organizados, melhor preparados, melhor conduzidos e com a melhor boa vontade deste mundo, tomaram um vapor da Cia. Navegação Costeira, e, "bun ba" ganharam todas as provas do campeonato a zero!

Em São Paulo os esportes amadores são carinhosamente olhados pelo governo do dr. Fernando Costa através do Conselho Regional de Desportos entregue á lucida e prestigiada ação do Dr Gabriel Monteiro da Silva que ao mesmo tempo colabora intimamente na alta administração da vida bandeirante dirigindo com Diretor Geral do Departamento das Municipalidades, 300 prefeituras. Imediatamente secundado á ação do Conselho Regional possui o governo paulista a sua Diretoria dos Esporters uma organização modelar confeida hábil direção do sr. José Ferreira Keffer em torno da qual gravitam por uma associação de interesses mais naturais que textos de decretos, as entidades esportivas bandeirantes especializadas.

Um detalhe da organização esportiva dos bandeirantes está bem focalizada no seguinte: Além de ainda mais prestigiar a esgrima estadual no seu compromisso máximo do ano e como seu elemento direto de ligação o operoso Presidente do C. R. D. Dr. Gabriel Monteiro da Silva fez-se representar diretamente pelo seu assistente naquele máximo órgão dirigente dr. Moupvr Monteiro que viajou pro sul integrando a delegação estadual. Quando de regresso por desvio de rota o "Aratimbó" voio diretamente

Rio não tocando em Santos os esgrimistas bandeirantes chegam aqui no sábado e no mesmo dia a noite rumaram para S. Paulo tendo já o chefe da Central em Pedro II em mãos as passagens dos amadores paulistas enviadas rapidamente de S. Paulo pelo Diretoria de Esportes. Esteve pois neste e em todos os casos semelhantes em ativa cooperação o governo com os seus representantes esportivos.

Este é o grande segredo dos bandeirantes. Boa vontade geral de dirigentes e dirigidos e organização. Cooperação, Colaboração. Não existe fascismo esportivo mas sim ordem. Não se improviza em São Paulo matéria de interesse geral. E ali esporte é uma das relevantes preocupações de interesse geral cuidadas e assistidas técnica e administrativamente com grande interesse

A parte social do certame nacional em 1944 Porto Alegre foi um sucesso e sua parte técnica outro remarcado triunfo do fidalgo esporte entre nós.

Fidalgo não por ser de prática de fidalgos; como que soa designando casta especial de gente superior. Nada disso. Não existem principes jogando esgrima no Brasil mas sim gente comum como todos nós outros timbrando sim em seguir rigidamente os preceitos de nobreza da esgrima.

Nada de futebolismos e deslealdades. Duras lutas sem amolecimento das qualidades da nobreza de atitudes.

Esporte é isso. Luta decidida sem prejuizo da lealdade e correção.

H. Ricardo Vagnotti couberam os laureis mais altos da competição individual pois sagrou-se campeão brasileiro das provas de sabre e de flôrete não tendo competido em espada. O representante bandeirante jovem médico da capital paulista é aluno do competente mestre de armas Mario Eliseu Isola.

A' esquerda, Itala Giongo, campeã brasileira por equipe. Sabem que Itala é campeã nacional, também, em saltos ornamentais Tanto é que não teve receio de seguir até a gavia do "Aratimbó" E olhem que isto não é facil... Ao lado esquerdo, Marcello Bórba e Moupvr Monteiro, assistente do presidente do Conselho Regional de Desportos de S. Paulo que foram grandes timoneiros da vitória bandeirante.

A' direita, as delegações paulista e carioca posam, em companhia da oficialidade do "Aratimbó", numa chapa que ficará na história desse barco da nossa Marinha Mercante. E em baixo, uma surpresa... O jato de água apareceu quando Henrique Vallim, Bovino, De Paula e Pekelmann, da equipe bandeirante, com as poses 37, 48 e 74 em forma aguardavam a ação do fotógrafo. Este "ajiu" e eis que apareceu!



A prova de espada apontou também com muitos méritos campeão nacional a outro paulista, Miguel Biancalana, aluno de mestre José Botânico Pereira da A. D. Palmeiras.

Novamente Helena Auricchio levou para São Paulo o título nacional de florête. A agilíssima aluna do experimentado mestre d'armas Cap. Frederico Moreira desenvolveu esplendida performance. O segundo posto coube a segura atiradora sul riograndense Gerda Striebel seguida de perto pela sua notável companheira de clube (Sogipa) a elegantíssima Erika Hanssen.

Nas provas por equipes S. Paulo completou seu nitido triunfo classificando-se campeão na única competição feminina (florête) e nas tres masculinas (sabre, florête e espada)

Campeã: Equipe paulista constituída por Helena Auricchio, Itala Junigo e Egle Serafini. Vice campeã: Equipe gaucha constituída por Gerda Striebel, Erika Hanssen, e Ruth Uhr. São Paulo venceu por 5 a 4.

FLORETE MASC. INDIV.

CAMPEÃO BRASILEIRO DE 1944 — RICARDO VAGNOTTI — S. PAULO

- 2.º — Ferdinando Alessandri — S. Paulo.
- 3.º — Joaquim do Couto Simões — Rio.
- 4.º — Frederico Serrão — Rio.
- 5.º — Miguel Brincalana — S. Paulo.
- 6.º — Erich Sonnesthral — R. G. do Sul.
- 7.º — Walter de Paula — S. Paulo.
- 8.º — Fortunado Camargo — S. Paulo.

em 1944, da Esgrima Nacional!

De Paavo Nurmi de Vincenzi

OS RESULTADOS COMPLETOS DO CERTAME

FLORETE FEMININO INDIVIDUAL

Campeã: Helena Auricchio — S. Paulo Florete feminino equipes.

- 9.º — Cicero Araujo — R. G. do Sul.
- 10.º — Armañdo C. Torelli — R. G. do Sul.
- 11.º — Caetano Bovino — S. Paulo.

FLORETE POR EQUIPES

Campeão brasileiro de 1944,

S. Paulo com a equipe seguinte: Miguel Biancalana, Ricardo Vagnotti, Walter de Paula e Ferdinando Alessandri.

Vice-campeã — R. Grande do Sul com a equipe seguinte: Carlos Pandolfo, Fernando Rorelli,

Erwin Sonnesthral e Mario Queiroz.

S. Paulo venceu por 9 a 3.

ESPA DA INDIVIDUAL

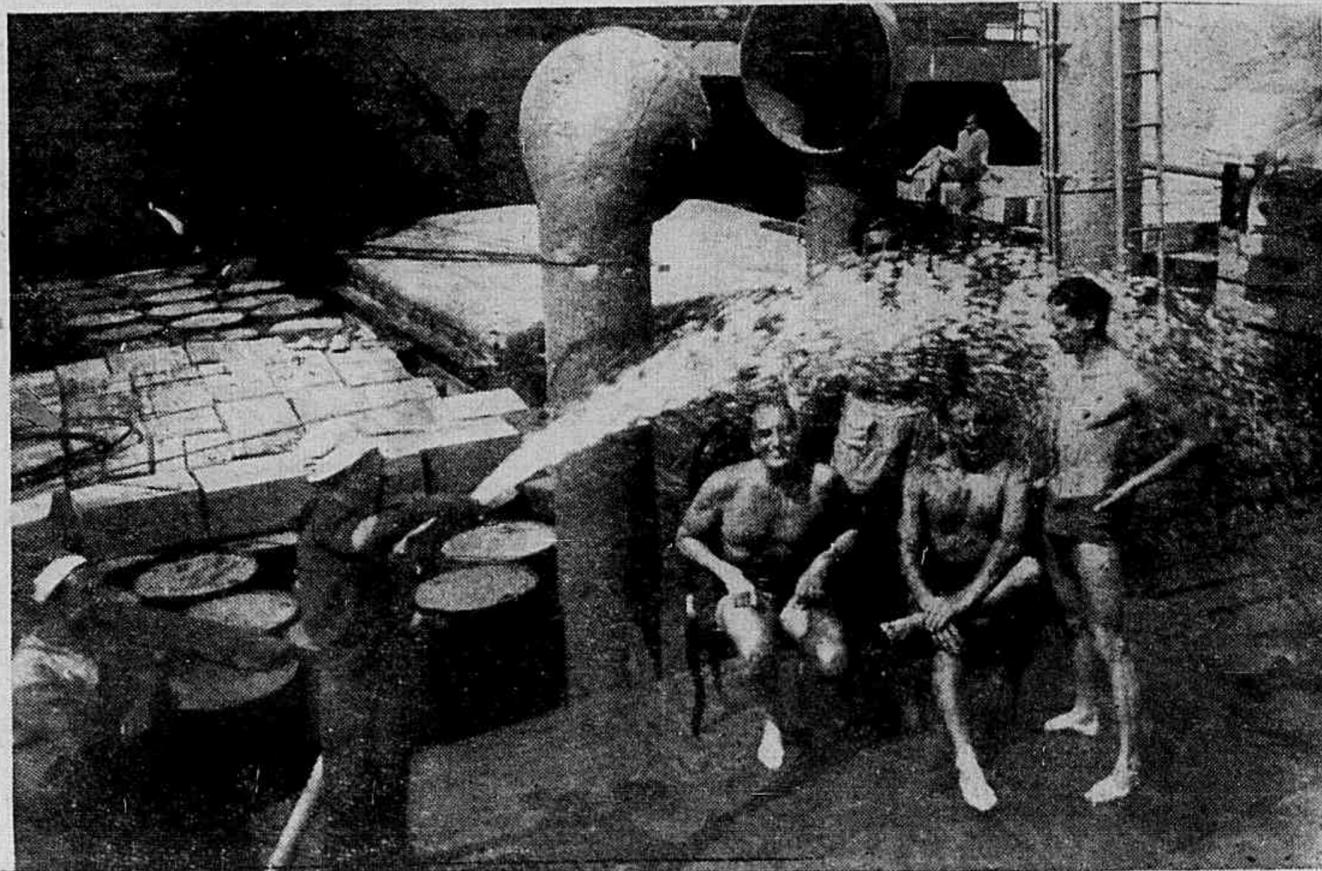
- Campeão brasileiro de 1944 Miguel Biancalana — S. Paulo.
- 2.º — Fortunato Camargo — S. Paulo.
 - 3.º — Henrique Vallim — S. Paulo.
 - 4.º — Sabino Sciannaméa — S. Paulo.
 - 5.º — Walter de Paula — S. Paulo.
 - 6.º — Fernando C. Torelli — Rio Grande do Sul.
 - 7.º — Frederico Taveira Serrão — Rio.
 - 8.º — Joaquim do Couto Simões — Rio.
 - 9.º — Nadir Fontoura — Rio Grande do Sul.
 - 10.º — Cicero Araujo — Rio G. do Sul.
 - 11.º — Adore Fragano — S. Paulo
 - 12.º — Vinicius Guariglia — Rio Grande do Sul.

ESPA DA POR EQUIPES

Campeão — Est. São Paulo com a equipe seguinte: Dias Branco, Henrique Wallini, Miguel Biancalana e Fortunato Camargo.

Vice-campeã — Est. Rio Grande do Sul com a equipe constituída por Clovis Vasques, Fernando Torelli, Vinicius Guariglia, Nadir Fontoura.

S. Paulo venceu por 9 a 2.



SABRE INDIVIDUAL

Campeão brasileiro de 1944 — Ricardo Vagnotti, S. Paulo.

2.º — Carlos S. Petrocelli — S. Paulo.

3.º — Frederico Serrão — Rio.

4.º — Caetano Bovino — S. Paulo.

5.º — Julio C. Jodoy — R. G. do Sul.

6.º — Hugher Matt — S. Paulo.

7.º — Ferdinando Alessandri — S. Paulo.

8.º — Arnaldo Braga — R. G. do Sul.

9.º — Carlos Pandolfo — R. G. do Sul.

10.º — Rubens Markos — R. G. do Sul.

SABRE POR EQUIPES

Campeão: S. Paulo com a equipe formada por Hugher Matt, Dias Branco Caetano Bovino e Carlos Petrocelli.

Vice-campeã — R. Grande do Sul com a equipe seguinte: Arnaldo Braga, Carlos Pandolfo, Nadir Fontoura e Julio Fontoura. S. Paulo venceu por 9 a 7.

A dificuldade para se formar o selecionado argentino

Continuação da pag. 11

tidarios que não se resignam nunca ao vê-lo desprezado. Essa é, repetimos, a "Desgraça" — desgraça com sorte... — do futebol argentino quando se trata de formar seleção para atuar nos campos locais ou no estrangeiro. Mas é indubitável que, por outro lado, a tarefa do diretor técnico ou de quem o substitua, não pode limitar-se aos homens citados si melhor não combina-los de tal modo que formem um conjunto harmonico, homogêneo e forte. Muitas vezes ele tem dito, com grande razão, que onze estrelas não fazem um grande quadro, e para prová-lo sobram os exemplos que não citamos por estarem vivos na lembrança de todos. Clubes que gastaram uma fortuna comprando fenomenos não puderam ganhar o campeonato nem apresentar bom futebol. Outros que buscaram a equipe ideal pelo caminho da alimentação consciente, fruto e produto do trabalho sereno, de um bom diretor, lograram, em compensação, pleno êxito.

DEVEMOS TER CONFIANÇA

Olhando as coisas desde outro angulo, devemos convir em que o que abunda nunca prejudica. Importante será que Stábil e seus amigos da comissão de seleção saibam tirar de entre tantos jogadores excepcionais os que melhor convenham ás necessidades dos próximos compromissos. O diretor técnico leva a vantagem de conhecer não somente seus homens mas também aos que deverá enfrentar, detalhe tão importante que não pode escapar a nenhum critério. Tenhamos, pois, confiança em quem assumiu a responsabilidade de formar o selecionado; e tenhamos confiança também nos rapazes que uma vez mais vão exhibir em campos amigos suas inegáveis virtudes. Só podemos pedir-lhes, em nome dos aficionados, que não olvidem no instante supremo da luta de batalhas com o coração, a maior virtude de todos.

E entretanto o ansiado momento chega, não façamos caso de resultados circunstanciais e intrascendentes de práticas que não se fazem para ganhar e sim para conseguir a perfeita harmonia de nosso selecionado.

Uma distinção da "A Gazeta" ao "Esporte Ilustrado"



Quando da permanência do nosso representante especial, Alberto Silva, aos jogos do campeonato brasileiro de futebol de 1944, a "A GAZETA" distinguiu o ESPORTE ILUSTRADO oferecendo ao nosso colaborador um almoço, em que também foram homenageados, Antonio Lins, do "Diário Carioca" e o Dr. Leite de Castro, chefe do Departamento de Assistência Social da F. M. F. Do agape participaram Thomaz Mazzoni, chefe da Seção Esportiva de "A GAZETA", Bologna, sub-secretario desse vespertino e Murilo Alves, locutores esportivo da Rádio Gazeta.

No proximo Numero

O MELHOR Campeonato Sul- Americano que o Brasil disputou no Estrangeiro

Oportuno e palpitante trabalho de **OLIMPICUS**, consagrado articulista desportivo

Como 20 uruguaaios conquistaram o futebol brasileiro em 1916!

A historia da vinda do esquadrao do DUBLIN ao BRASIL, contada pelo chefe da delegacao, Magarinos Pittaluga

Foi ai pelos fins de 1916, quando a Grande Guerra estava no apogeu e o futebol "criollo" ia na sua deslumbrante ascensao a gloria. Na Velha Europa os homens se acoitavam e na America Latina os homens empenhavam-se em contendas desportivas, no afan de conquistarem titulos sempre maiores. Hector Gomez, patedro do futebol sul-americano, iniciava entendimentos fraternais e vivos entre os povos desportivos do Continente, estabelecendo bases para a competicao que daria aos uruguayos a oportunidade de se encarapitarem no alto da piramide futebolistica. Em meados desse ano realizara-se, em Buenos Aires, um torneio internacional de futebol, do qual haviam participado os selecionados da Argentina, do Brasil, do Uruguay e do C. I. Triunfaram os uruguayos, depois de galhardos encontros que serviram para salientar a habilidade de Pien-dibene, Romano, Scarone, Pacheco, Delgado, Foglino, Miguel, Bennincasa e Saporiti e que demonstraram, tambem, que os

brasileros tinham topete de campeoes. Casemiro, Bianco, Pereira, Lagreca, Rubens Salles, Italo, Friendenreich, Menezes, Formiga, todos disseram ao publico rioplatense que havia surgido outro grande rival para as proximas justa continentais. Os uruguayos venceram os brasileiros numa pejeja extremamente renhida, por 2-1, e depois de se terem contundido os zagueiros Bianco e Pereira.

Diziamos que foi la pelos fins de 1916 que ocorreu o que vamos narrar.

Estavamos reunidos, no Cafe Tupinamba, Arechavaleta, o gordo Lagomarsino, Tejada, Mari, Martinez, Vasquez, Gallardo, nosso irmao Pototo, Cancela e eu. Falava-se de futebol e de viagens e todos expunhamos os anseios de uma aventura. Sem embargo, parecia-nos impossivel levar avante uma excursao. E quando mais mergulhados estavamos na questao, disse Ricardo Mari, dirigindo-se a mim:

— Tu que es tao expedito, por que nao planejas uma excursao?

— Aprontem-se que no fim no mez partimos para o Brasil!

Foi essa a minha resposta, como poderia ter respondido que iriamos a China. Atirei-lhes a esperanca como teria atirado uma pedra, pois nao tinha a mais remota ideia de como se levaria a cabo a ideia. Todos riram a mais nao poder. Martinez Vasques, o homem serio da reuniao, disse:

— Tu, como sempre, visionario! Mas eu sempre tive uma sorte barbara. Alguma fada misteriosa ajuda-me nos transes mais dificeis e essa bendita fada favoreceu-me, uma vez mais, com o seu apoio. Ainda nao se haviam passado 10 minutos da minha atrevida afirmacao e se aproximou Benjamin, o simpatico empregado do cafe para dizer-me:

— Magarinos: um senhor espera-o para lhe falar, num automovel.

Acerquei-me do auto e me encontrei com o Sr. Miguel Pino Machado, um dos mais fortes consignatarios da firma Anaya & Irigoyen, do Rio de Janeiro.

— Como passa o Sr. Miguel?

— Muito bem.

— E a que devemos a sua presenca?

— Desejo assistir um jogo de futebol. Estou de passagem para o Rio e nao quero partir sem ver um jogo dos campeoes da America

— Pois vamos ao Parque Central. Jogam o Nacional e o Rosarino Central, de Rosario de Santa Fe.

E sem delongas nos dirigimos ao Parque. O Nacional foi um fenomeno. Jogou admiravelmente. Dominou completamente os rosarinos e lhes impoz seis tentos. Romano foi um verdadeiro demonio. D. Miguel ficou como quem ve fantasmas. Quando deixamos o Parque Central disse-me:

— Agora compreendo porque sao campeoes! Como me agradaria levar um quadro uruguayo ao Brasil! Sou presidente do Botafogo F. C. e teria grande prazer que os meus patricios assistissem ao jogo maravilhoso dos uruguayos.

Todos os que me leem, terao percebido, imediatamente, como fiquei naquele momento. Vi um ceu aberto. Encontrava uma ma-



A EQUIPE DO DUBLIN NO DIA DA SUA ESTRÉIA NO RIO DE JANEIRO, NO CAMPO DO BOTAFOGO.



DELEGADOS E JOGADORES DO DUBLIN, JUNTAMENTE COM O EMBAIXADOR DO URUGUÁ E TORCEDORES DO BOTAFOGO, NA TRIBUNA DE HONRA DA ENTIDADE CARIOCA.

neira de realizar a promessa do café.

— Se o Sr. deseja, poderei levar um "XI" ao Brasil...

— Em que condições?
— Nada além de todas as despesas pagas!

Naquela época não existia profissionalismo e os jogadores não pretendiam outra recompensa que um passeio, de vez em quando. Bem, estarei no Rio dentro de setenta e duas horas e logo que chegue apresentarei a sua oferta à Comissão Diretora do Botafogo e lhe comunicarei o resolvido, por telegrama...

E' desnecessário dizer que não "larguei" D. Miguel até o momento de embarque. Temia que algum esperto me tirasse a oportunidade. Nada disse a meus companheiros sobre o assunto. Trez dias depois chegou-me o telegrama. — "Excursão aceita. Ordem passagens Mala Real Ingleza. Devem partir o mais rápido possível. Machado. Com esse telegrama e louco de alegria, cheguei ao Café Tupinambá e disse aos rapazes:

— Estão prontos para o embarque para o Rio de Janeiro?

Ninguém me levou a sério. Todos zombaram. E eu, orgulhoso, tirei o telegrama e o exibí. Explosões de alegrias palmadas, abraços e copos quebrados...

— Que team levaremos?
— O melhor de todos!

E sem mais tardança, começamos a formar o quadro. Fizemo-lo com os melhores valores do momento. Mas, desgraçadamente, fracassamos. Os jogadores do Penarol não poderiam seguir

porque tinham que disputar a final de "Competição" com o os argentinos e o Nacional autorizou os seus a integrar a expedição. Nossa vontade poude mais que todos os obstáculos. Falamos com Juan Barbati e Gerardo Sierra e estabelecemos que seria o Dublin que levaria ao Brasil a representação do futebol uruguayo. Como o Dublin não era suficientemente poderoso, tentamos reforçá-lo com alguns elementos. Depois de muitos esforços conseguimos que aceitassem o convite Miguel Benincasa, Foglino, Romano, Hector Scarone, Carlos Pereira e Julián Bertola. Com estes e com Pototo Magarinos, Cabalero, Carbone, Pensallini e González, o quadro ficaria excelente. Formado o quadro tratamos de organizar a aventura. Tudo pronto, faltava apenas que chegasse à Mala Real Ingleza a ordem para as passagens. Chegou, finalmente, não diretamente e sim por intermédio da Associação Uruguaya e aqui se armou a "encrenca". As autoridades da Associação tentaram arrebatá-los o passeio. Tivemos que lutar como heróis para demonstrar-lhes que não era assunto seu e sim nosso. Depois de uma acalorada discussão que durou até cerca das 3 da manhã, pudemos convencê-los e nos entregaram a esperada ordem. Por fim! Tudo arranjado! Isso acreditávamos com a nossa juvenil e ardorosa ilusão. Tomamos as passagens. Devíamos tomar o vapor da carreira até Buenos Aires e daqui rumaríamos para La Plata, onde toma-

riamos o vapor "Deseado" para o Rio de Janeiro. Quando chegamos ao porto estavam todos os jogadores, com exceção de Foglino. Havia-se arrependido e não irial Oh...

— Por quem o substituiremos?
— Comigo! Gritou Sadi Couture, um jogador da Liga Universitaria que seguia para Buenos Aires.

— Sobel! Foi esta a nossa resposta.

Tambem haviam faltado Mario e Pochintesia. Um buraco tapamos com Alberto Pittaluga. Sobrava-nos, ainda, uma passagem.

— Quem quer ir ao Rio de Janeiro?

— E! Respondeu Nicasio Artigas. E embarcou. A família só soube da sua partida 20 dias depois. Durante a viagem teve que lavar a roupa e secá-la em ventilador.

Contentes embarcamos. Nada faltava? Sim, faltava alguma coisa, algo que era essencial: os uniformes!

— Que faremos? Quem tem dinheiro?

Nadal Entre todos não juntamos 3 pesos!

— Vamos pedí-los a Juan Penal

Este famoso desportista possuía uma casa de artigos de desportos, mas a casa estava fechada.

— Janta no "Morini", informaram.

Lá fomos e o encontramos. Pouco custou para convencê-lo a nos fiar os uniformes. Sem permitir que acabasse de jantar, fomos à sua casa e apanhamos tudo. Triunfantes voltamos ao barco, mas por demais esgotados para que sentíssemos alegria. Ouviu-se o apito, saltaram-se as amarras e o navio começou a sua marcha.

— Hurrah! Gritamos todos.
— Hurrah! Responderam-nos alguns que estavam no porto.

Assim se iniciou a aventura de vinte rapazes que nada mais levavam que muito valor, um grande entusiasmo, onze uniformes, trez pesos, uma taça doada

QUEDA DOS CABELOS
Calvicie precoce



JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinquenta anos

pelo Dr. Baltazar Brum, um alfinete de gravata de Geraldo Sierra e um patacão de prata de Juan Barbati. Quando chegamos a Buenos Aires e quisemos telegrafar a D. Miguel Pinto Machado, tivemos que empenhar o alfinete de gravata de Geraldo Sierra para pagá-lo...

Integravam a delegação: Juan Barbat, Gerardo Sierra, Juan Lagomarin, Anibal Tejada, Eduardo Arechavaleta, Martín Martínez Masquez, Alberto Pittaluga, Mateo Vagarinos, Miguel Benincasa, Sadi Couture, Caballero, Carlos Pereira, Julián Bertola, Carbone, Hector Scarone, Angel Romano, Exequiel González, Pensallini e Nicasio Artigas. Onze jogadores, um reserva e oito delegados! Os jornais de Montevideo com pessimismo profetizavam que a excursão seria um desastre.

Em La Plata tomamos o vapor "Deseado" que, quasi imediatamente, soltou as amarras, partindo para o Brasil, para nós uma terra desconhecida e amavel. Durante a viagem sucederam-se as anedotas saborosas que seria fastidioso contar aqui. Mas uma não podemos deixar sem relato. A Inglaterra estava em guerra e o vapor era inglez. Não conduzia mais passageiros que nós e seis britânicos que iam a cumprir o seu dever de cidadãos. Poucas horas depois da partida, os rapazes começaram a cantar, o que molestou consideravelmente os in-

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

glezes que logo se queixaram ao capitão do barco. Este palestrou com o goêdo Lagomarsino, o único que falava inglês. Falaram uns minutos. Quando terminaram, Lagomarsino explicou-nos:

— O Capitão veio solicitar que não cantássemos porque incomoda os ingleses...

— E que respondeste?

— Que nós éramos 20 passageiros e os ingleses seis. Portanto, tínhamos mais direitos...

— E...

— Podem continuar cantando...

O espírito britânico de justiça ficou de pé. Pouco a pouco aqueles ingleses, tios e soturnos, que iam em defesa da mãe-pátria, acabaram se convertendo em camaradas nossos e houve até um que tentou entrar no côro.

Nossa Chegada ao Rio de Janeiro foi apoteótica. Proporcionaram-nos uma recepção magnífica, colossal. A formosíssima baía de Guanabara estendeu-nos as suas mãos acolhedoras e os maravilhosos morros do seu contorno pareciam olhar-nos carinhosamente. Bandeiras, bombas, bandas de música, centenas de embarcações embandeiradas dêram-nos as boas-vindas. Confessamos que uma intensa emoção fez-nos brotar lágrimas dos olhos. Parecia-nos estranha aquela homenagem prestada a nossa terra desportista. Em uma das pequenas lanchas levaram-nos para o porto e enquanto partíamos, ouvimos um Hurrah! brotado do peito dos seis ingleses que iam lutar em defesa dos seus heroicos ideais e que quiseram impedir as nossas cantorias!

Jamais uma delegação foi acolhida como aquela do Dublin. Os brasileiros fizeram o impossível. Muitas páginas seriam necessárias para o relato de tudo. E muito mais seria necessário para descrever a vida luminosa que tivemos, contra os milhares de aventuras pitorescas e as centenas de anedotas interessantes. A fama do futebol do uruguaio, era enorme no Rio de Janeiro. Por isso, os cariocas esperavam com ansiedade a primeira peleja. Em oposição, nós a esperamos com um temor tremendo. E era admissível. Não sabíamos o que produziria o nosso quadro, pois não havíamos treinado mais de uma vez, rapidamete, quando arribamos a Santos.

E depois, conhecíamos o poder do futebol brasileiro e nos impressionára a afirmação de Miguel Pino Machado de que o nosso "onze" era composto de jovens, o que era uma verdade! Couture, Magarinos, Scarone, Carbone, Gonzalez e Pensalfini pareciam uns "pixótes"! Por outro lado, a comissão do Botafogo se surpreendera porque não havia levado Piendibeni, Foglino, Pacheco, Delgado e outros astros do nosso futebol. Recordo-me que lhes disse, audaciosamente:

— Estes "pibes" vão assombrar os brasileiros!! Cada qual é um fenomeno!

E a afirmação fictivacia transformou-se em realidade!

O primeiro encontro teve lugar com o Botafogo, no campo deste. Estávamos em Janeiro e o calor cozinhou até a medula!



ASPECTO DA CHEGADA DA DELEGAÇÃO DO DUBLIN EM SANTOS

Como é de supor, nós, os delegados, vestimo-nos com trajos de desporto, levíssimos. Momentos antes da partida do hotel visitou-nos o embaixador uruguaio, D. Manuel Bernardes, que ao nos ver assim vestidos disse-nos:

— Como? Vão aparecer assim? O Ministro Lauro Muller estará na tribuna oficial, de casaca! Os senhores devem apresentar-se assim também!

Aquilo foi o fim. Vestir casaca com um calor daqueles. Mas não houve outra coisa que fazê-lo. Quando envergámos as casacas; tive-nos a impressão de que nos havíamos metido dentro de uma incubadora. Bendito protocolo!

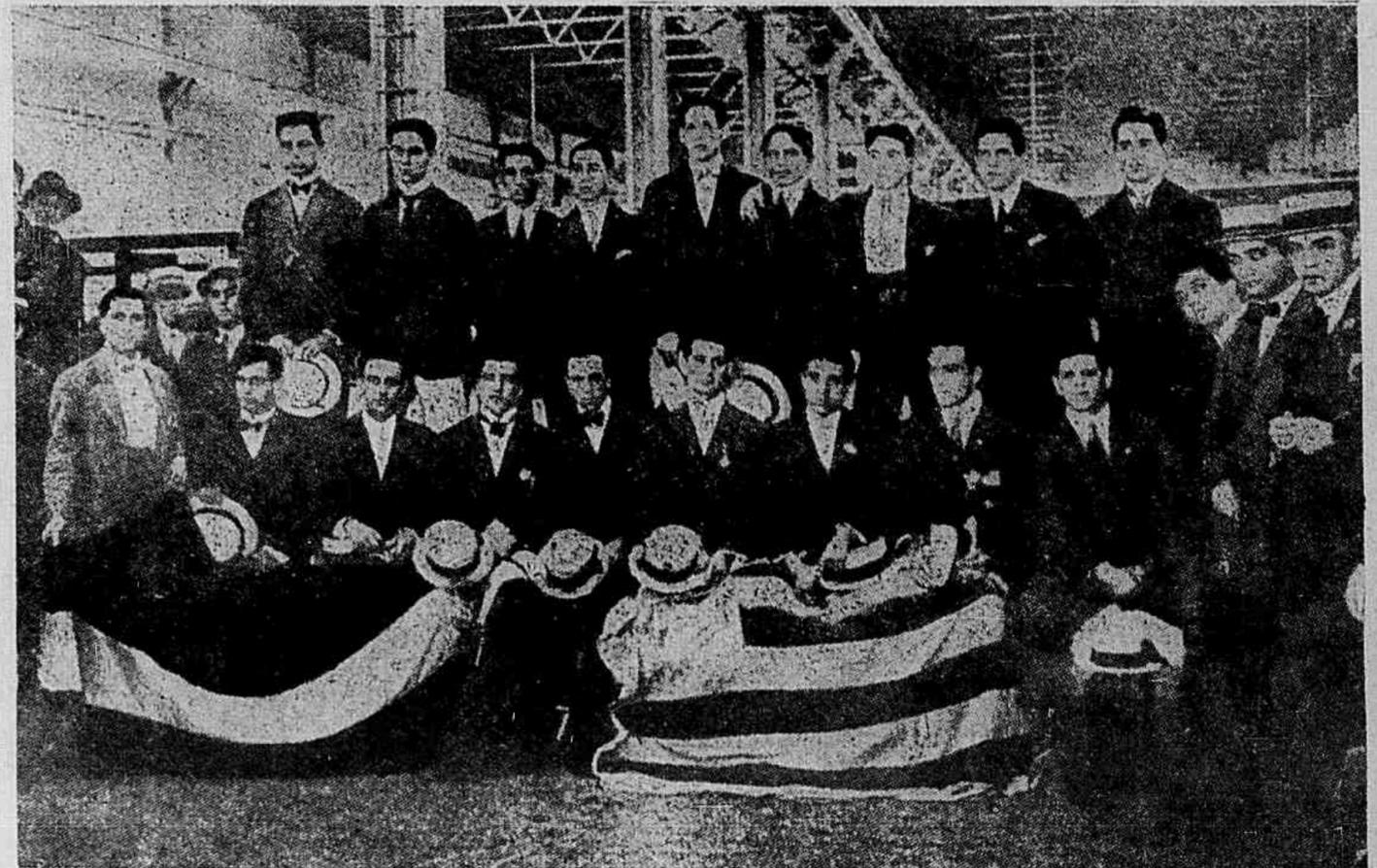
Ganhamos o Botafogo por 5-1. Nosso quadro atuou como um conjunto de mestres. Bertóla e Romano, Benincasa e Scarone, Gonzalez e Pensalfino, todos atuaram como poucas vezes os vimos num campo. Romano até sobre os contrários saltou Gonzalez que não podia jogar com as chuteiras, de tão apertadas, tirou-as e marcou um tento sensacional! No dia imediato os jornais publicaram o seu retrato com esta legenda: Exequiel Gonzalez, médio esquerdo do trio de ouro do Dublin que tanto joga de chuteiras como sem elas". Lauro Muller pessoalmente foi apresentado aos rapazes e os felicitou. Miguel Pino Machado, acompanhado pelos demais membros da

comissão diretora do Botafogo, agradeceu-nos entusiasmado: São verdadeiros astros! O segundo jogo foi com o América, rival do Botafogo, assim como no Uruguai Penarol e Nacional. O América tinha um arqueiro formidável, chamado Ferreira. Os torcedores diziam:

— No Ferreira não fazem goals! Romano contestou a todas as opiniões:

— Faço um goal no Ferreira entrando com bola e tudo!

E muito se comentou essa afirmação de Angelito. Quando chegamos ao campo para o prélio, todo o público estava inteirado da pretensão de Romano. Imaginem como estaria esse público... O centro-médio do Amé-



A DELEGAÇÃO DOS URUGUAIOS LOGO APÓS SUA CHEGADA A SÃO PAULO.

rica era um inglês renomado. Durante todo o jogo não se arredou de Romano. Tentava frustrar a façanha quebrar, a promessa. Quando ganhávamos de 3-0, Romano tomou a pelota de Bértola e começou a driblar habilidosamente, como costumava fazer. Ninguém se aguentou. Com um movimento agil de corpo, deixou o inglês sentado na grama, fintou os zagueiros e ficou frente a frente com Ferreira! Este fechou a luz, e quando Angel ameaçou partir pela direita, o goleiro atirou-se para esse lado e então o uruguaio mudou de caminho e entrou com a bola no arco! Estava cumprida a façanha!

A ovação fez tremer até o Corcovado!

Miguel Pino Machado, ao felicitá-lo, presenteou-o com o alfinete de gravata seu! Nesta peleja atuou como árbitro Eduardo Arechavaleta. Como se portou, diz o comentário de um jornal:

"Arechavaleta é um excelente cavalheiro, um jornalista ilustrado, mas, meu Deus, que juiz!..

Duas pelejas mais disputamos no Rio de Janeiro, uma contra o selecionado carioca, que vencemos de 1-0 e outra com um combinado carioca-paulista, com o qual empatamos a zero. Neste encontro iniciou-se o fantástico duelo entre Juan Bértola e Friedenreich, o atacante brasileiro mais célebre. Finda a temporada no Rio, dirigimo-nos a S. Paulo, onde nos esperava o C. A. Paulistano.

Depois de uma interminável viagem, de muitas horas, durante as quais a única recreação foi a paisagem divina, pelejamos com o Paulistano, em seu campo, sem grama, demasiadamente arenoso. Cansados, os nossos jogadores perderam por 2-1. O entusiasmo dos paulistas foi formidável. No momento em que jantávamos, visitou-nos uma verdadeira delegação de torcedores do glorioso clube paulista e quase ficamos loucos com seus canticos de triunfo!

Preparamo-nos para a revanche.

Os paulistas enviaram aos cariocas um telegrama assim: "Rio é Rio e S. Paulo é S. Paulo"...

A revanche foi disputada com um combinado paulista, a força máxima do futebol brasileiro. Integraram a equipe Casimiro, Bianco, Pereira, Lagreca, Rubens, Italo, Menezes, Formiga, Friedenreich e outros. Nunca se vira tanta assistência num campo paulista. Ao aparecerem os nossos rapazes, foram recebidos com grandes aclamações e uma autêntica ovação. Partiam de milhares de membros da colônia italiana que viam em Benincasa, Couture, Bértola, Pensalfini, Romano e Scarone descendentes de Dante! Nossa derrota era certa; nunca poderíamos vencer!

Mas vencemos por 5-1!

Foi uma filigrana de futebol. Romano esteve portentoso, Scarone magnífico e Bértola paralizou Friedenreich, marcando, ainda, o primeiro goal. Rubens, o cavalheiresco centro-médio do scratch brasileiro, diante dos endiabrados "arrancos" de Romano afirmou que "nunca vira coisa igual". Chegando ao hotel, passamos este telegrama para o Botafogo: Rio é Rio, S. Paulo é S. Paulo, mas Uruguai é Uruguai. Nessa noite não houve manifestação...

Em Santos, a bonita cidade paulistana que nos acolheu como desportistas heróis, jogamos duas partidas, ganhando ambas. Sete a dois e três a zero foram as contagens.

O sonho de vinte corações jovens estava realizado. Estava cumprida a grande aventura; o futebol patrio cobrira-se de glória e mais uma vez a fraternidade americana saíra vitoriosa.

Apesar das homenagens e da acolhida, anciávamos pela nossa terra, pelos nossos lares e sem demora regressamos ao Uruguai. A viagem de regresso foi esplendida. Ninguém se molestou porque cantávamos...

A temporada do LUZO em Aracati

A CONVITE DO "JOSÉ DE ALENCAR"

Reportagem de INDIO DO JAGUARIBE

O esquadrão de titulares do "Luzo", que disputou o Campeonato de 1944 na "Federação Cearense de Desportos", acaba de ser convidado para fazer uma temporada de dois jogos na cidade do Aracati, pelo "José de Alencar", grêmio aracatiense que é presidido pelo esportista Francisco Pinto Pereira Sobrinho, elemento de destaque no esporte jaguaribano.

O esquadrão "luzitano" partirá de Fortaleza, (Ceará), á tarde do dia 23, tendo festiva recepção na "terra dos carnaubais verdejantes", sendo hospedado no "Hotel Central".

No dia seguinte, 24, enfrentará a turma do "José de Alencar", dirigindo essa peleja o árbitro aracatiense, Sr. Carlos de Deus.

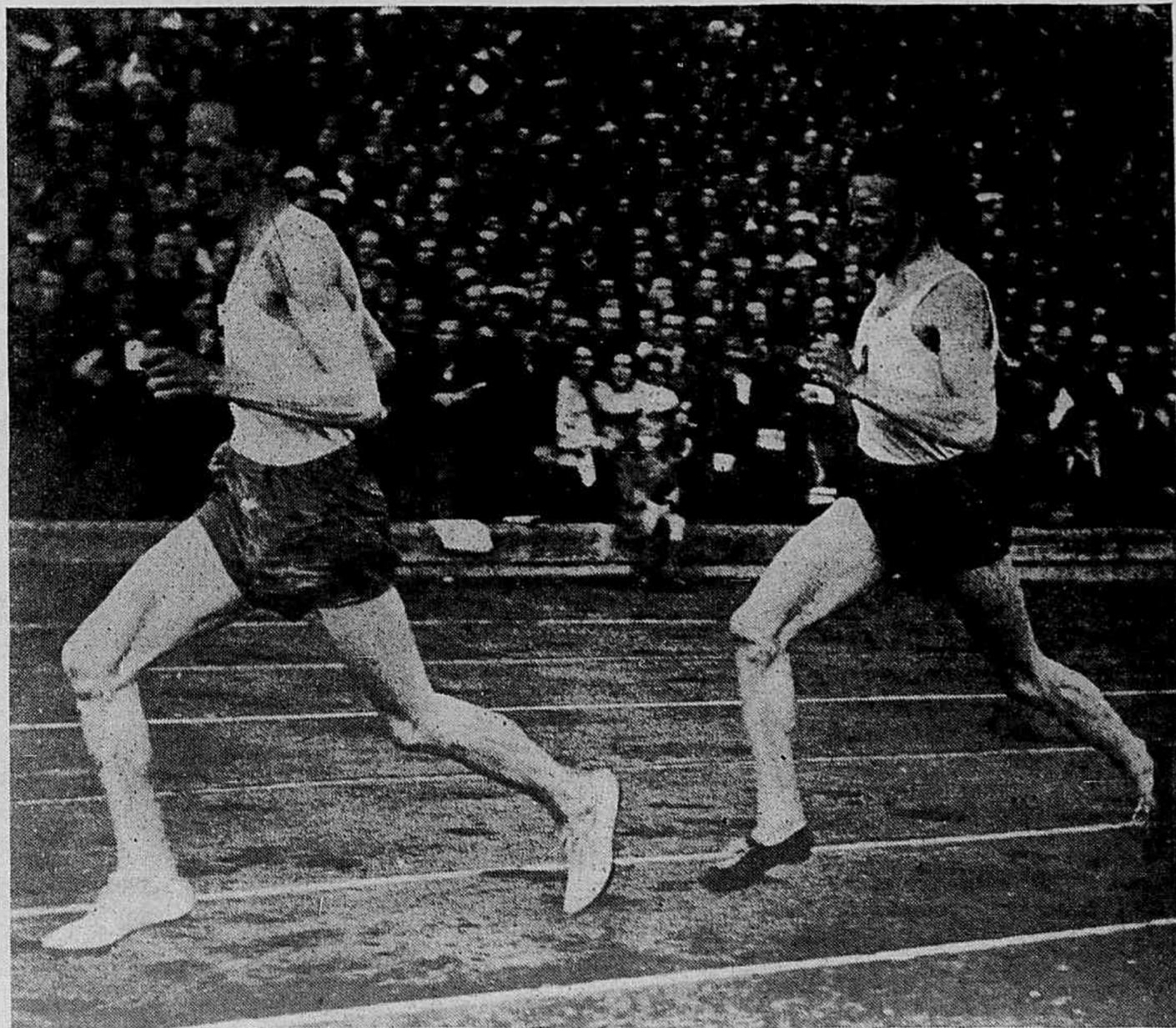
Nesse dia, oferecida pelo "luzo", será disputada uma rica taça denominada — "Copa Prefeito de Aracati".

No dia seguinte, 25, o "Aracati", fechará a temporada, enfrentando os visitantes sob a atuação de uma juiz da Federação Cearense de Desportos.

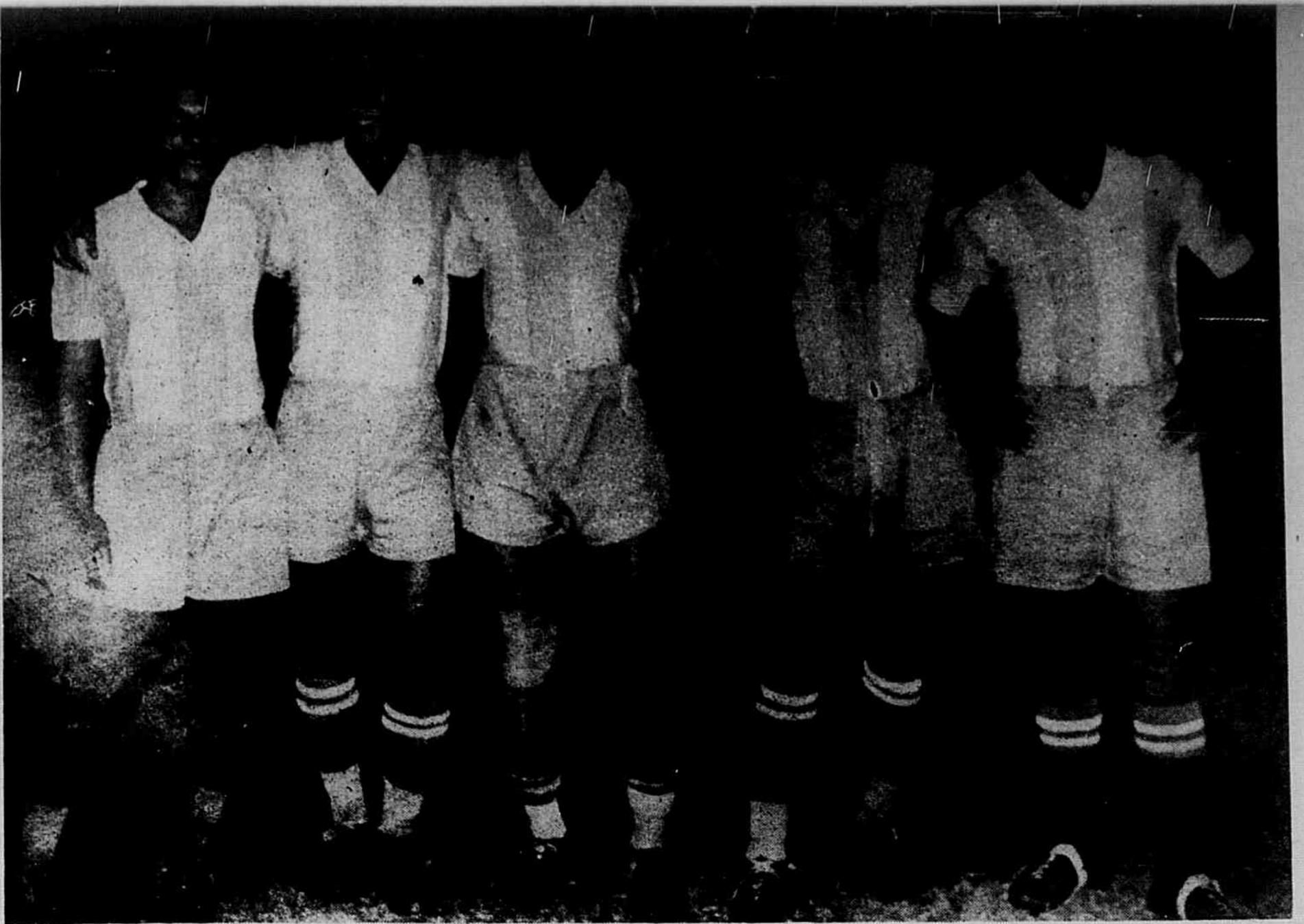
OS QUE ACOMPANHARÃO A EMBAIXADA

A convite do "José de Alencar", participarão dessa excursão, os seguintes jornalistas: representantes de "Esporte Ilustrado", de "Cancha", de "O Estado" e de "O Povo". O dr. Lourival Moreira Pinho, presidirá á embaixada.

Ilustramos a nossa reportagem de hoje, publicando a última fotografia de presidente do "José de Alencar", de Aracati, pois o aludido esportista muito tem feito pelo "association" aracatiense.



GUNDER HAGG e ANDERSEN são dois nomes da atualidade no atletismo internacional. Corredores de fundo de grande valor, são reputados, no mundo, os dois melhores do momento, honrando, sobremaneira, o atletismo suéco. Aqui vemos Gunder Hagg e Anderson acitrrados rivais da pissas e bons amigos fora deles, durante uma disputa de 1500 metros.



Ao alto, a ofensiva do Canto do Rio, na qual apareceu Caréca, a aquisição dos niteroienses para 1945.

VENCENDO SEM CONVENCER O CANTO DO RIO F. C. COMEÇOU O ANO!

Derrotado o Madureira A. C. por 3-1 no primeiro amistoso de 45

(De G. CINTRA, do Departamento de Esportes da PRE-S)

Local — Estádio Caio Martins (Niterói)

Juiz — Alzilar Costa

CONSIDERAÇÕES GERAIS

1.º tempo — Canto do Rio 2-1

Final — C. Rio 3-1

Marcha da contagem —

- 1.º C. Rio — Carango, após 8 minutos.
- 1.º Madureira — Adelino, aos 11 minutos
- 2.º C. Rio — Pedro Nunes, aos 30 minutos
- 3.º C. Rio — Nelsinho, aos 17 minutos do segundo tempo

Quadros

CANTO DO RIO — Odair, Nanatti e Gualter II; Gualter, Ely e Grande; Nelsinho, Carango, Caréca, Pedro Nunes e Vadinho.

MADUREIRA A. C. — Zezinho, Mario Brandão e Apio; Araty, Nilton e Esteve; Jorginho (depois Lupercio), Lucio, Durval (depois Orlando), Waldemir e Adelino.

O publico amante do futebol já estava saudoso do seu esporte favorito e, por isso, acorreu em grande numero para assistir o amistoso entre o Canto do Rio e o Madureira. Mas não foram felizes os fans do futebol. A peleja foi fraca e pobre de técnica. Viu-se, de um lado o quadro do Madureira desarticulado e com elementos novos desambientados, e portanto, sem senso de conjunto. De outro, o Canto do Rio com uma defesa regular, e um ataque falho, e sem condutor de ataque, pois o substituto de Geraldino não aprovou. Assim, o quadro do Canto do Rio conseguiu levar a melhor, mas contudo, sem vencer. Jogou melhor que o Madureira, pois esteve em conjunto superior ao seu adversario e contou, no ataque, com Carango em esplendida forma. Mas nem por isso pode ser apontado como um quadro forte, e ao que parece, nem o Canto do Rio nem o Madureira, serão, este ano, os dois terríveis espantalhos da temporada passada. A menos que surjam outros elementos capazes de preencher os claros deixados pelos que se foram para outras plagas.

**Os vascaínos com
uma ofensiva
completamente
nova, fizeram vi-
brante demons-
tração de poderio,
arrasando o qua-
dro do Jabaquara
de S. Paulo, por
8-1!**

Comentário no interior

*BERASCOCHÉA e DINO
figuras estelares do
C. R. Vasco da Gama*

